

## INSTRUÇÕES FINAIS

### SÉRIE: ATÉ OS CONFINS DA TERRA

CÓDIGO: 2900002  
 TEXTO: Atos 1.3-11  
 PRELETOR: Pr. Fernando Leite  
 DATAS: 02 e 09/09/2007  
 MENSAGEM 02

#### Atos 1.1-11

<sup>1</sup>Em meu livro anterior, Teófilo, escrevi a respeito de tudo o que Jesus começou a fazer e a ensinar, <sup>2</sup>até o dia em que foi elevado aos céus, depois de ter dado instruções por meio do Espírito Santo aos apóstolos que havia escolhido. <sup>3</sup>Depois do seu sofrimento, Jesus apresentou-se a eles e deu-lhes muitas provas indiscutíveis de que estava vivo. Apareceu-lhes por um período de quarenta dias falando-lhes acerca do Reino de Deus. <sup>4</sup>Certa ocasião, enquanto comia com eles, deu-lhes esta ordem: “Não saiam de Jerusalém, mas esperem pela promessa de meu Pai, da qual lhes falei. “ <sup>5</sup>Pois João batizou com a água, mas dentro de poucos dias vocês serão batizados com o Espírito Santo”. <sup>6</sup>Então os que estavam reunidos lhe perguntaram: “Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?” <sup>7</sup>Ele lhes respondeu: “Não lhes compete saber os tempos ou as datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade. <sup>8</sup>Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”. <sup>9</sup>Tendo dito isso, foi elevado às alturas enquanto eles olhavam, e uma nuvem o encobriu da vista deles. <sup>10</sup>E eles ficaram com os olhos fixos no céu enquanto ele subia. De repente surgiram diante deles dois homens vestidos de branco, <sup>11</sup>que lhes disseram: “Galileus, por que vocês estão olhando para o céu? Este mesmo Jesus, que dentre vocês foi elevado aos céus, voltará da mesma forma como o viram subir”.

#### INTRODUÇÃO

Vamos retomar o primeiro texto de Atos, que começamos estudar na mensagem passada. Vimos que Lucas escreveu dois livros. Um livro é o Evangelho de Lucas, o terceiro evangelho, que trata das obras que Jesus realizou quando estava presente. O segundo é o livro de Atos, um livro que trata das obras que Jesus fez na Sua ausência através do Espírito por meio de seus Apóstolos.

O texto que vamos abordar nesta mensagem, Atos 1.1-11, contempla, na verdade, os últimos momentos de Jesus com seus discípulos. E não somente os últimos momentos, mas também as Suas últimas palavras. Por se tratar das últimas palavras de Jesus, pode-se imaginar a importância deste texto. Depois de um período de dois anos e meio a três anos e meio convivendo com seus discípulos, Jesus agora deixa Suas instruções finais. São elas que vamos estudar.

Não sem razão, tendemos a valorizar as instruções finais ou as últimas palavras de alguém que se vai. Algumas frases finais de alguns indivíduos, personalidades muito importantes, foram registradas: Epaminondas teria dito: “Morro sem saudade, pois deixo a minha pátria vencedora”. Lorde Byron teria dito: “É chegada a ocasião de descansar”. “Abram as janelas” – disse Rosalía de Castro – “Quero ver o mar”! Guilherme Braga teria dito: “Meu Deus! Sofre-se assim, e o céu cheio de estrelas”.

Nesta reflexão, eu gostaria de focalizar o texto que diz (At 1.2): ... até o dia em que foi elevado aos céus, depois de ter dado instruções por meio do Espírito Santo aos apóstolos que havia escolhido. Últimos momentos! Últimas palavras! Qual seria o tema das conversas finais do Senhor Jesus com seus discípulos?

Vamos lembrar que, depois que Jesus ressuscitou, Ele andou com seus discípulos por cerca de 40 dias, tendo uma vida normal com eles. No versículo 4, vemos que Ele comia com os seus discípulos. Naqueles 40 dias, houve diversas manifestações. Várias vezes Ele marcou presença com seus discípulos dizendo “Eu estou aqui”. Creio que 40 dias vendo Jesus foi suficiente para evitar que, numa ocasião futura, se por acaso O tivessem visto somente uma única vez, eles fossem tentados a pensar: “Será que vimos mesmo?”.

Você já experimentou aquela situação de, ao deitar-se à noite, perguntar-se se é verdade aquilo que você viu ou viveu durante o dia? À noite, é comum duvidarmos de algumas coisas que vivenciamos, vimos ou ouvimos durante o dia. O Senhor Jesus tomou providências para que não fosse apenas um evento, ou um único momento, mas um convívio de 40 dias, em que Ele comesse com Seus discípulos, fosse visto, contemplado e tocado pelos Seus discípulos. E nessas ocasiões, diz o texto, que Ele dava instruções para seus eles.

A palavra empregada aqui para *instruções sendo dadas* é uma palavra que corresponde a dizer: “Ignorar é desobediência”. Ou seja, não eram simples sugestões que os discípulos poderiam acatar ou não. Eram ordens, instruções claras de como eles deveriam proceder. Segundo o texto, Jesus “*dava instruções por meio do Espírito Santo*”, ou seja, o Senhor Jesus estava dando essas instruções na dependência do Espírito de Deus. Nessas instruções que Jesus passa a dar aos discípulos, Ele contempla dois problemas em que normalmente a Igreja falha: o problema do conhecimento e o problema da capacitação de fazer o que resulta desse

conhecimento. Quando agimos na ignorância, sem saber o que Deus pensa, temos uma grande chance de errar. E quando já sabemos o que Deus pensa e o que Ele quer, mas tentamos fazer apenas a partir das nossas forças, sem depender do poder de Deus, nós também falhamos. Certa ocasião, discutindo com os saduceus, Jesus disse a eles (Mt 22.29): *Vocês erram porque não conhecem as escrituras e nem o poder de Deus.* Nestes últimos momentos de Jesus, nestas últimas instruções aos seus discípulos, a expectativa do Senhor era passar a eles *o que e como viver.*

Assim, ao considerar este texto de Atos, eu gostaria que tivéssemos uma visão clara do que o Senhor focalizava, *para que seria a vida deles e o que seria e deve ser a sua vida enquanto o Senhor não volta.*

São três os focos que eu quero abordar.

## 1º. FOCO – MENSAGEM A SER PREGADA

O primeiro foco que quero abordar aqui é o foco da **mensagem a ser pregada**. O que deveria ou o que deve ser pregado? Qual é a decisão de Cristo acerca do que devemos pregar?

Um dia desses, recebi alguns vídeos com mensagens que estão sendo pregadas em vários lugares do país. É impressionante e assustador a variedade de ênfases dessas mensagens. A grande maioria, infelizmente, não tem nada relacionado com aquelas instruções que Jesus passou nos seus últimos momentos. Que mensagem os discípulos de Jesus deveriam pregar na Sua ausência? Qual era a responsabilidade deles? Vamos observar o que o texto nos diz (At 1.3): *Depois do seu sofrimento, Jesus apresentou-se a eles e deu-lhes muitas provas indiscutíveis de que estava vivo. Apareceu-lhes por um período de quarenta dias falando-lhes acerca do Reino de Deus.*

É interessante como as pessoas gostam de especular sobre o que Jesus teria feito, falado e ensinado em situações em que as Escrituras não falam muito sobre isso. Nesses 40 dias, está bem claro o que Ele fez. Durante 40 dias, Ele esteve falando acerca do Reino de Deus. Não era nenhum ensino esotérico, como alguns sugeriram no segundo e terceiro séculos da nossa era, mas o assunto era o Reino de Deus. Esse não era um assunto novo, mas representava mais um passo no cumprimento daquilo que estava idealizado por Deus.

Em Êxodo 15.18, quando Deus chama a nação, fica estabelecido ali o seguinte: *O Senhor reinará eternamente.* Essa era a proposta de Deus: o Senhor reinaria eternamente. Fazia parte do plano de Deus. A nação de Israel era então um ambiente em que Deus reinava. Houve reis humanos para aquela nação, mas na verdade eram co-regentes, que ocupavam uma posição no cenário humano, mas que tinham uma responsabilidade: a de levar aquela nação a ser devotada, a ser fiel ao seu Rei e Senhor.

No Salmo 103.19, lemos: *O Senhor estabeleceu o seu trono nos céus, e como Rei domina sobre tudo o que existe.* Portanto Deus Se apresentava àquela nação como seu Rei; e aquela nação, em particular, teve o privilégio de ser o agente de Deus para comunicar às demais nações as ordenanças, as

decisões, as instruções, as orientações, as determinações, os decretos desse Rei. Era a nação de Israel que tinha a responsabilidade de comunicar esse Reino do Senhor.

No Reino de Deus, se contemplava duas idéias. A primeira era no campo pessoal e correspondia a expressar a aceitação do Reino de Deus através de uma vida que levasse a sério aquilo que Deus fala. Deus determina e eu obedeco. Nesse aspecto, o Reino de Deus já está entre nós. Mas havia um outro aspecto do Reino de Deus, enfatizado bastante pelos os profetas, que vamos abordar mais à frente nesta mensagem. Eles falavam acerca da ocasião em que um Reino iria se estabelecer em Jerusalém, quando as demais nações estariam sujeitas a ele. Um Rei da parte de Deus reinaria a partir de Jerusalém. Daniel falou sobre isso, sobre esse estado futuro do Reino em que Deus mesmo reinaria Sua Nação. João Batista anunciou: *Está chegando o Reino de Deus.* Quando Jesus veio, sua mensagem tinha o propósito de ensinar: *Está chegando o Reino de Deus.* E quando Jesus se encontra com seus discípulos durante esses quarenta dias, Ele continua falando acerca do Reino de Deus. Este Reino deve ser implantado no seu coração e no meu, com expressões claras de obediência e submissão ao Rei. Mas é também um Reino que espera a ocasião em que o Senhor vai voltar e reinar pessoalmente.

Antes mesmo de Atos 1, em Mateus 24.14 lemos: *E esse Evangelho do Reino será pregado em todo mundo com testemunho a todas as nações e então virá o fim.* O Senhor havia anunciado que esse Evangelho do Reino chegaria. Essa notícia do Reino chegaria e, agora, durante quarenta dias, o Senhor está com seus discípulos dizendo “*o Reino veio, o Reino virá. Vocês têm a responsabilidade de pregar o Reino*”. Um texto muito conhecido, Atos 1.8, diz: *Receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda Judéia e Samaria e até os confins da terra.* Ou seja, de acordo com os profetas, de acordo com João, de acordo com Jesus e de acordo com a instrução de Jesus naqueles quarenta dias, esse Evangelho do Reino teria que ser pregado. Ele diz: *Vocês têm essa função.*

O texto diz que o Evangelho deveria ser pregado em Jerusalém, na Judéia, na Samaria e nos **confins da terra**. Gostaria de dizer que este versículo 8 é, na verdade, o esboço do livro de Atos. Nos livros de hoje, você pode encontrar o esboço logo nas primeiras páginas. Em alguns livros, ele aparece nas últimas páginas. Nos livros antigos, como Atos, o esboço já está no meio do texto. Nos capítulos 1-7, ele vai falar sobre a evangelização em Jerusalém. O capítulo 8, aborda o Evangelho chegando à Judéia. Do capítulo 9 ao 11, fala-se sobre a expedição para Samaria e no capítulo 12 o Evangelho começa a ir para os confins da terra. Este é o esboço do livro. O Senhor mostra aqui que questões de língua, questões éticas, questões culturais e questões políticas são secundárias. A mensagem de vocês, diz Ele, é o Evangelho do Reino. É isso que vocês vão pregar: o Reino de Deus. Não é do reino do homem, não é da riqueza do homem, não é da saúde do homem, não é da ausência de problemas do homem. A mensagem a ser pregada era o Evangelho do Reino de Deus. Era tão somente esta a mensagem.

Foram quarenta dias ensinando os discípulos. E eles entenderam? Ao ler o livro de Atos, vamos perceber que eles entenderam o recado muito bem. Um exemplo? Podemos ver o que o texto fala sobre Paulo em At 19.8: *Paulo entrou na Sinagoga e ali falou com liberdade durante três meses, argumentando convincentemente acerca do Reino de Deus.* Paulo entendeu isso, Pedro entendeu, João entendeu. Todos eles entenderam e saíram dizendo: *“O Senhor reina. Ele é soberano. Haveremos de prestar contas. Ele enviou seu Filho para morrer e resgatar-nos. O Senhor reina.”* Os profetas falaram disso. João Batista falou disso. Jesus falou disso. E os apóstolos continuaram falando acerca disso. Este é o foco. O foco da mensagem não é o como você se sente. O foco é: *“Há um Rei, há um Soberano, há um Deus amoroso e justo, que tem definido e estabelecido uma série de coisas. E numa ocasião oportuna, cada um haverá de prestar contas a Ele.”*

Algumas vezes, sinto que estou apresentando o Evangelho como uma opção que a pessoa tem: *“Você quer aceitar?”* De fato, ela tem o poder de decidir, mas o Senhor não dá essa opção. A ordem é clara: *“Arrependa-se! Creia!”* As pessoas vão prestar contas a Deus, não porque elas não aceitaram a sugestão. Elas vão prestar contas a Deus, não porque elas tinham outra opção. Elas vão responder a Deus porque não atentaram e não obedeceram ao Rei de toda a terra. Foram quarenta dias ensinando e enfatizando para aqueles discípulos: *“É o Evangelho do Reino de Deus que vocês vão pregar.”*

## 2º FOCO – PODER DISPONIBILIZADO

Há, porém, um segundo foco sobre o qual trataremos a partir de agora que é o foco do **poder disponibilizado**.

Eu entendo que, quando Jesus realizou o Seu ministério entre nós, ainda que Ele não tenha aberto mão da Sua divindade - Jesus se fez homem, mas nunca abriu mão da Sua divindade - Ele abriu mão de fazer uso dos recursos da Sua divindade. Enquanto vivia entre nós, ele fez os milagres que fez na dependência do Espírito de Deus. Ele teria poder em Si mesmo para fazer todos os milagres, mas várias vezes Ele diz: *“Senhor, eu sei que Tu me ouves. Eu vou Te pedir, ó Pai, ...”* Ao longo de Sua vida, Ele dependeu do Espírito de Deus para vencer o que tinha de vencer. Não era simplesmente um Deus que não tinha problemas para enfrentar porque fosse o próprio Deus. Creio que Ele abriu mão de certas prerrogativas da divindade - não da Sua divindade - pois resolveu não lançar mão daqueles recursos a fim de viver uma vida na dependência de Deus, fazendo o que Ele tinha de fazer, o que estava no coração de Deus.

É como quando você vai jogar bola com seu filho pequeno. Se você mostrar todas as suas habilidades, não tem relacionamento com ele. Você abre mão delas, mas não deixa de ser você. Apenas abre mão de algumas de suas habilidades e recursos para estar presente com ele. De certa maneira, quando Jesus viveu entre nós, Ele esteve ensinando os seus discípulos, como vimos anteriormente, *pelo* Espírito Santo.

E Ele passa a orientar os seus discípulos acerca da realidade, de como o seu povo, os seus novos irmãos, filhos

de Deus, deveriam viver nesta vida dentro do propósito de Deus e da responsabilidade de proclamação do Evangelho do Reino. E aqui o Senhor renova uma promessa sobre a qual já havia tratado várias e várias vezes. Veja bem: no primeiro foco, o Senhor Jesus aborda a questão *de qual* é a mensagem a ser pregada. No segundo foco, Ele diz *em que* condições, com que capacitação, como é que você vai pregar a mensagem que tem que ser pregada.

Observe: no versículo 4, o texto diz: *Certa ocasião, enquanto comia com eles, deu-lhes esta ordem: “Não saiam de Jerusalém, mas esperem pela promessa de meu Pai, da qual lhes falei. A ordem era “Não saiam de Jerusalém!”.* Tem uma promessa feita e essa promessa vai se cumprir aqui em Jerusalém. *“Vocês têm que esperar!”.* Essa não era uma promessa da qual somente Jesus tinha falado. No Antigo Testamento, por exemplo, o profeta Ezequiel, falando desse tempo, disse (Ez 36.27): *Porei o meu espírito em vocês e os levarei a agirem segundo meus decretos e obedecerão fielmente as minhas leis.* João Batista referiu-se a estas promessas, dizendo (Mt 3.11): *Eu vos batizo com água, mas após mim virá um que vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.* Portanto, nesse momento o Senhor passa a tratar e a ensinar Seus discípulos acerca de uma nova experiência e de um recurso que era a presença, a companhia, a capacitação de Deus que vinha pelo próprio Espírito de Deus. *João, disse Jesus, batizou com água, mas dentro de poucos dias vocês serão batizados com o Espírito Santo* (At 1.5).

Observem... Ezequiel falou sobre isso... Jesus falou isso com seus discípulos... João Batista falou isto com seus discípulos... Agora, naqueles quarenta dias, na hora de ir embora, o Senhor Jesus diz: *“Não saiam de Jerusalém. Fiquem aqui. Tem a promessa que Ezequiel falou, que João falou, que eu ensinei a vocês, e a promessa é a seguinte: vocês vivenciarão uma experiência que se caracterizará pela abundância do Espírito Santo”.*

Esta é a idéia de batismo. Batizar envolve a idéia de muita água - desculpem-me os presbiterianos-, é a idéia de ser imerso na água. Quando o Senhor fala *“Vocês vão ser batizados com o Espírito Santo”*, a idéia é: *“Vocês estarão num contexto de bênção em quantidade, em que o Espírito vai estar sobrando. Vocês estarão imersos, encharcados dEle.”*

O Senhor já tinha opinado sobre isto. Em Lucas 24.49, Jesus disse: *Eu lhes envio a promessa de meu Pai, mas fiquem na cidade até serem revestidos do poder do alto.* Então aqui, no capítulo 1, quando Ele diz *“mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês e serão minhas testemunhas... O envio do Espírito Santo era a capacitação dos discípulos para serem **testemunhas**. Não era alguma coisa para diversão deles, para colocá-los num *status* espiritual destacado. Era a capacidade que vinha de Deus para que aquele povo pudesse anunciar a mensagem do Evangelho do Reino.*

Momentaneamente, porém, eles não deveriam sair de Jerusalém. Observe o que é dito em At 1.4: *Certa ocasião, enquanto comia com eles, deu-lhes esta ordem: “Não saiam de Jerusalém, mas esperem pela promessa de meu Pai da qual lhes falei”.* Eles não tinham de forma alguma que pedir.

Eles não tinham que buscar. O Senhor Jesus somente disse a eles: “*Não saiam. Fiquem. Esperem.*” É uma promessa. Há aqui um compromisso assumido pelo Pai e é o Pai quem vai fazer. Aos discípulos não cabe fazer outra coisa que não seja esperar. Depois que o Senhor Jesus subiu aos céus, somente dez dias depois, eles têm a experiência de Pentecostes. Esta passagem será alvo de nossa reflexão num próximo estudo mais à frente. O Espírito de Deus desce sobre eles e ali inaugura-se uma nova comunidade, um novo corpo.

A formação da Igreja faz com que judeus, gregos, escravos, livres, qualquer um possa ser enxertado na Igreja de Deus, batizado pelo Espírito. Paulo, ao escrever aos coríntios, em 1 Co 12.13, diz: *Todos nós fomos batizados em um só espírito.* Portanto, fomos inseridos no Corpo de Cristo, fomos enxertados no Corpo de Cristo, temos o Espírito de Deus em nós. Paulo chega a dizer: *Se alguém não tem o Espírito de Cristo não é de Cristo* (Rm 8.9b). Note que essa não é uma “segunda experiência” com o Espírito Santo como alguns imaginam. Vamos perceber quando chegarmos a Atos capítulo 20 que a falta do Espírito não é falta de uma “segunda experiência”, mas falta sim da primeira experiência. Todo cristão genuíno que ouviu o Evangelho e creu, é batizado, enxertado no Corpo de Cristo e está no Corpo de Cristo. Para que? Para cumprir uma tarefa que Deus lhe determinou.

### 3º FOCO – MOTIVAÇÃO CONSIDERADA

Nós já falamos sobre o 1º foco, o foco da mensagem a ser pregada: o Evangelho do Reino. Não há outra mensagem a não ser essa. Em segundo lugar, 2º foco, acabamos de ver que a capacitação para esta proclamação do Evangelho do Reino era uma capacitação que vinha pelo Espírito de Deus. Os discípulos tinham que depender do Espírito de Deus, da mesma forma como nós também temos que depender. Gostaria agora de considerar a seguinte questão: Que motivação eles, os discípulos, tinham (e que motivação também nós devemos ter) nesta responsabilidade de proclamação do Evangelho?”

Podemos fazer diversas coisas, inclusive pregar o Evangelho, por motivos diferentes. Em Filipenses capítulo 1, Paulo menciona pessoas que pregavam o Evangelho como mero pretexto para se destacarem. Achavam que aquela era uma oportunidade de ter algum reconhecimento no contexto da Igreja daqueles dias. Há pessoas que estão pregando o Evangelho hoje, motivadas pelo grande amor de Deus por elas. Tem pessoas que proclamam o Evangelho por misericórdia, sabendo que se não se importarem outras pessoas vão para o inferno. Há pessoas que pregam somente porque têm consciência de que Deus mandou.

Acho interessante o que diz Paulo quando escreve aos Filipenses (Fp 1.18): *O importante é que de qualquer forma, seja por motivos falsos ou verdadeiros, Cristo está sendo pregado.* Isto é interessante porque há um contraste muito grande entre Filipenses 1 e Filipenses 3. Em Filipenses 1, falando da motivação na pregação, ele diz que se alguém está pregando o Evangelho com o intuito de se mostrar ou por

qualquer outra coisa, o importante é que o Evangelho foi pregado. Essa pessoa não terá galardão, pois já o recebeu aqui. Mas se está pregando o Evangelho, é melhor que o faça.

Em Filipenses 3.2, vamos encontrar outro grupo de pessoas, das quais Paulo fala: *Acautelai-vos dos cães, acautelai-vos dos maus obreiros, acautelai-vos da falsa circuncisão.* Quem eram esses? Esses eram aqueles que estavam pregando um evangelho distorcido, não o Evangelho do Reino. Eles tinham adaptado a mensagem do Evangelho aos seus interesses. Aqui, não existe tolerância. Tolerância zero! Paulo diz: “São cães, são maus obreiros, são da falsa circuncisão.” Se sabemos que existe um Evangelho a ser pregado, que é o Evangelho do Reino, e se sabemos que a capacitação para pregação do Evangelho não vem de mim e nem de você, mas do Espírito, nós também temos que saber qual motivação temos ao pregar e qual é a motivação que o Senhor quer tenhamos, pois essas coisas têm implicações também.

Ao longo das Escrituras, como já vimos antes, estava bem definido que Deus era o Rei, e o Seu povo era o povo que seguia aquele Rei. O quinto livro da Bíblia, o livro de Deuteronômio, é conhecido na literatura antiga como um livro que tem paralelos com os tratados de suserania. O que era um tratado de suserania? Deixe-me exemplificar. Digamos que um rei conquistasse uma cidade. Aquele rei fazia então um tratado, um acordo, um pacto com o povo conquistado. Um contrato era firmado entre o rei e aquele povo, mostrando quais eram as responsabilidades do rei como o dominador, o suserano, e quais os compromissos de responsabilidade daquele povo, que estava agora debaixo do seu cetro. O livro de Deuteronômio corresponde então a um tratado de suserania, mostrando que Deus é o Senhor, o Soberano que está sentado no trono, e nós temos que considerar o fato de que estamos sujeitos a Ele. Eu entendo que as promessas que Deus fez para Israel, várias delas, não valem para a Igreja de hoje. Mas, ainda hoje vale esta visão de que existe um Senhor, um Soberano, um Rei e um povo que está subordinado a Ele.

Por causa da promessa e da revelação dos profetas, naqueles quarenta dias em que estive com os discípulos, o Senhor focalizou com eles a seguinte mensagem: “Vocês têm que pregar o Evangelho do Reino!” Foram quarenta dias ensinando e enfatizando esta mensagem. Os discípulos não a entenderam imediatamente e questionaram que implicações teria aquilo naquele momento. Eles tinham uma pergunta (At 1.6): *Então, os que estavam reunidos lhe perguntaram: “Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?”* Eles conheciam o que os profetas haviam anunciado: falavam do reino de Israel e que o Messias viria e reinaria, um filho de Davi. Esses discípulos haviam passado por uma grande decepção por ocasião da morte de Jesus. No caminho de Emaús, em Lucas 24, vemos alguns deles dizendo sobre Jesus: *“Nós esperávamos que fosse Ele o libertador de Israel”* Isto porque a nação de Israel estava debaixo do domínio romano. Eles estavam pagando pesados impostos. Você não gosta de pagar imposto e eu também não. Agora imagine pagar imposto para outro governo! Por isso, então, eles perguntam: *Senhor, é nesse tempo que o Senhor vai*

*restaurar Israel?* A questão deles é o tempo. E qual foi a resposta? Em At 1.7, lemos: *Ele lhes respondeu: “Não lhes compete saber os tempos e as datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade.”*

Muitas vezes, ficamos muito entretidos imaginando o que vai acontecer no céu. Basta lançar uma classe de estudos na igreja sobre “as coisas que estão por vir” – não estou fazendo nenhuma crítica quanto ao tema ou sobre quem vai ensinar - e a classe lota. Assim como adolescente gosta de classe que fala sobre namoro, sexo e casamento – você organiza uma classe dessas para adolescente e a classe lota –, se você fala sobre um “estudo das últimas coisas” e acontece o mesmo. Nossa curiosidade sobre os fatos futuros é fortíssima. Algumas vezes, nós só queremos pensar sobre o que vai acontecer lá na frente, na glória, no momento da exaltação máxima. E Deus diz: “Fique quieto. Entre aqui e lá, há muita coisa para acontecer.” Entre a eternidade com o Senhor e este momento, tem muitas coisas para se fazer. Não se pode perder de vista a perspectiva da eternidade, não se pode perder a perspectiva da chegada do Reino e toda a sua glória. Mas tem muitas coisas aqui relacionadas com a mensagem a ser pregada, relacionadas com a dependência do Espírito de Deus.

Temos assim uma visão muito clara: há uma **mensagem a ser pregada** e **há o Espírito que capacita** a pregar esta mensagem. Eu quero desafiá-lo, caro leitor, a fazer uma lista de oração com talvez três nomes de não-cristãos, por quem você estará orando para ter uma oportunidade de lhes pregar o Evangelho do Reino de Deus. Mas não é só sair pregando; deve-se depender do Espírito de Deus para anunciar a Sua mensagem.

Algum tempo atrás, eu estava ensinando da Palavra para um homem que havia tomado uma decisão por Cristo cerca de seis meses antes. Um dia, eu estava lhe falando que, na conversão, ainda que tenha um agente pregando, na verdade existe o Espírito atuando e convencendo o coração. Achei muito interessante o comentário que aquele homem relativamente recém convertido fez. Ele me disse: “Sabe, quando você me pregou o Evangelho, consegui perceber o que você me falou, mas houve outras partes que, não tenho dúvidas, foi Deus quem me falou e me convenceu.” Como disse Jesus (Jo 16.8): *Ele convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo*. Isso é uma obra do Espírito, não é sua nem minha. É o Espírito quem vai mostrar para alguém seu pecado, sua condenação, a obra de Cristo que morreu e pagou nossos pecados. É o Espírito!

Não se esqueça: faça uma lista de três nomes de pessoas por quem orar para você compartilhar com elas do Evangelho.

## **COMPLEMENTAÇÃO DA MENSAGEM DE 02/09/2007**

Até aqui, focalizamos a relação que o Senhor Jesus teria tido com seus discípulos durante os quarenta dias em que esteve com eles, considerando o fato de que em breve Ele estaria ausente fisicamente. Dessa forma, acabamos abordando os seguintes focos:

O primeiro deles foi a **mensagem a ser pregada**. O Senhor focalizou muito claramente a mensagem que deveria ser pregada. Naqueles quarenta dias, como vimos no versículo 3 de Atos 1, Ele falou com eles acerca do Reino de Deus. Com isso, aqueles discípulos compreenderam uma série de coisas que deveriam ser feitas e certamente aquilo que deveria ser pregado. É sempre bom ressaltar que a mensagem a ser pregada é o Evangelho do Senhor Jesus, e que não existem dois evangelhos. Se nós (ou quem quer que seja) pregarmos outro Evangelho, estaremos incluídos na categoria de “maldito por Deus”, porque o Evangelho da Graça do Senhor, o Evangelho do Reino de Deus não é para ser mudado por uma “alternativa melhor”, mesmo porque esta não existe. Nos próximos estudos, principalmente quando entrarmos no capítulo 2, teremos oportunidade de ver qual era o conteúdo da mensagem que foi pregada.

Focalizamos também o **poder disponibilizado**. A proclamação do Evangelho deve ser feita com o reconhecimento e na dependência do Espírito de Deus. Por isso, ali, naquele contexto, o Senhor dizia aos seus discípulos: “Vocês vão receber poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês e serão minhas testemunhas.” Em várias coisas na vida, percebemos nossa limitação. Transmitir a mensagem do Evangelho é uma obra grandiosa. É a continuidade da obra do Senhor Jesus Cristo. Como é que nós somos capazes de fazer isto? Somente no poder e na dependência do Espírito de Deus.

Quero agora voltar a focalizar o terceiro ponto da minha mensagem. Qual é a **motivação** que nós temos para isso? O que devemos considerar em termos da mensagem que nós vamos pregar?

## **A VINDA DO MESSIAS E O REINO DE DEUS**

Desde o Antigo Testamento, Deus estabeleceu um relacionamento com o Seu povo em que Ele se apresentava como Rei. Deuteronômio e outros trechos das Escrituras são como que constituições, ou um contrato de suserania entre Deus e aquele povo, que devia àquele Rei, ao único Rei da terra, toda adoração, toda submissão, todo reconhecimento. Os reis de então eram simplesmente co-regentes, que estavam debaixo de Deus e debaixo da Lei de Deus. E não somente isso. Ao longo de todo o Antigo Testamento, encontramos promessas de que um representante de Deus, descendente de Davi, viria e governaria toda a terra. Toda a terra estaria debaixo da autoridade dEle. Por causa dessas promessas, e sem ignorar a realidade de que estavam debaixo do domínio romano, os discípulos de Jesus reunidos perguntaram ao Senhor quando este lhes falava acerca do que está para acontecer, (At 1.6): *Senhor, é nesse tempo que vais restaurar o Reino à Israel?* A expectativa deles era absolutamente legítima. Era razoável. Patriarcas, reis e poetas falaram acerca da vinda desse Messias. Se olharmos para Lucas 24, logo depois da ressurreição de Cristo, que ainda não era conhecida de todos, vemos discípulos no caminho de Emaús falando sobre a sua decepção porque eles esperavam que Jesus fosse o rei de Israel, o Messias que iria restaurar a nação, mas isso não tinha acontecido. Jesus tinha sido preso e morto.

Como disse antes, entendo que essa expectativa era absolutamente legítima. Observe o seguinte texto (1 Pe 1.10): *Foi a respeito dessa salvação que os profetas que falaram da graça destinada a vocês investigaram e examinaram...* Os profetas do Antigo Testamento falaram acerca dessa vinda do Messias. Mas, eles investigaram e examinaram o quê? Eles procuravam saber qual seria o tempo e as circunstâncias para as quais apontavam o Espírito de Deus que neles estava quando lhes predisse os sofrimentos que Cristo passaria e as glórias que se seguiriam a esses sofrimentos. O que Pedro diz é que os profetas vivenciaram isso, falaram de Cristo, reconheciam que haveria a morte e depois a glória de Cristo, mas eles não conseguiam entender as circunstâncias. Quando é que isso iria acontecer? Eles não conseguiam entender exatamente em que tempo isso se daria, embora entendessem e soubessem que a glória viria depois do sofrimento.

Considerando essas verdades, que não eram apenas acessíveis a Pedro, entendemos que era absolutamente razoável a expectativa que os discípulos de Jesus tinham. Por isso, perguntam: *Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?* E o Senhor lhes responde que isso não é da conta deles: *Não lhes compete saber tempos e épocas.*

Observe: o Senhor Jesus não discute a expectativa que eles tinham. Eles tinham uma expectativa legítima. A promessa do reino de Israel, em algumas ocasiões, havia sido colocada de uma maneira condicionada. Em outras, de uma maneira soberana: vai acontecer! E em outras, o momento foi considerado elevado. Malaquias trata sobre isso, dizendo que o povo de Israel oportunamente iria se arrepender. Portanto, que o Reino iria (e vai) acontecer, aqueles apóstolos que estavam perto de Jesus não tinham dúvida - e Jesus não tem problema com isso. A única coisa que o Senhor coloca em questão é o conhecimento de *quando* isso iria acontecer. Quando o Senhor diz: *“Não é da conta de vocês”*, de alguma maneira o Senhor está chamando a atenção deles (e a nossa também) para que o nosso grande assunto enquanto estivermos por aqui não deve ser a maneira como vamos passar a eternidade. O nosso grande assunto aqui é o Evangelho, que deve ser pregado às pessoas, pois isto fará a diferença de onde elas vão passar a eternidade. A orientação é para não ficarmos tão centrados e tão focados na eternidade, que percamos a perspectiva de qual é a razão para estarmos aqui, que é a proclamação do Evangelho.

## SUBIDA AOS CÉUS

A seguir, observe o que diz o versículo 9: *Tendo dito isso, foi elevado às alturas enquanto eles olhavam, e uma nuvem o encobriu da vista deles.* Eu posso imaginar um pouco o que foi esta experiência. Eles estão conversando com Jesus... estão aprendendo de Jesus... Eles têm a promessa do Espírito de Deus que viria capacitá-los para a tarefa de testemunhar... Depois que alguém faz uma intervenção, pedindo quando viria o reino, Jesus diz *“isso não é da sua competência”* e, de repente, o Senhor começa a subir.

Eles percebem isso. Quem conviveu com Jesus de perto sabia do seu potencial, das capacidades de fazer coisas

fora do normal que Ele possuía. Quem não havia tido esse privilégio certamente tinha agora uma oportunidade de ser surpreendido pelo Senhor. Mas, observe aqui que, à medida que o Senhor sobe, uma nuvem O encobre e aquelas pessoas não conseguem mais enxergar. Isso não foi vivenciado por apenas uma pessoa, mas por várias. Conforme a lei de Israel, algo tendo sido visto por tantas pessoas, ou mais de duas, era suficiente para que o fato fosse considerado como verdade.

O versículo 10 acrescenta: *Eles ficaram com os olhos fixos no céu enquanto Ele subia. De repente, surgiram diante deles dois homens vestidos de branco.* Imagine a cena: eles estão num diálogo com Jesus... têm expectativas de glória... o Senhor sobe... uma nuvem O encobre. No mínimo, deveríamos dizer que fora tirado diante dos olhos deles a capacidade de perceber e de enxergar o Senhor. Estão ainda olhando para os céus, tentando enxergar o que não conseguem enxergar mais, tentando entender o que significa aquela situação. Certamente alguns foram tomados de certa insegurança diante do fato de que o Senhor não estava mais presente, talvez uma percepção de que tivessem sido abandonados. E há uma expectativa de que o Senhor volte. De repente, naquela reflexão, naquela insegurança, tentando definir o que eles podem esperar ou não, dois anjos de branco aparecem e dizem: *Galileus, porque vocês estão olhando para o céu? Este mesmo Jesus, que dentre vocês foi elevado aos céus, voltará da mesma forma como O viram subir.* Eles estavam focados nos céus, tentando achar o Senhor. Os anjos dizem *“O que vocês estão olhando? Esse mesmo Senhor que subiu vai descer, não precisam ficar olhando”*. Não é seu dever ficar olhando! Existe uma tarefa agora: a tarefa da evangelização: *... receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra* (At 1.8).

Imagine a tensão daqueles apóstolos. Eles querem o Senhor, eles querem a presença do Senhor, eles querem a glória do Senhor, mas o Senhor diz: *“Aguardem. Vocês têm uma tarefa agora. Eu volto depois. Como eu vou, eu voltarei. Por enquanto, pregue a Palavra, pregue o meu Evangelho, dependa do Meu Espírito.”* Nós não estamos aqui apenas para pensar na glória eterna.

Tempos atrás, minha esposa esteve envolvida no aconselhamento de uma mulher que perdera o marido havia nove anos. Essa mulher estava tão deprimida que pensava apenas no dia em que iria morrer e se encontrar com seu marido. Nós não podemos ficar parados, pensando em nós mesmos, no céu e na glória. Este é o tempo em que o foco principal é a proclamação do Evangelho. O céu está lá na frente. Nós temos promessas claras sobre isso, mas entenda uma coisa: é hora de pensarmos na terra. Precisamos estudar as Escrituras, precisamos conhecer as profecias para avaliar a mensagem da Palavra sobre o que vai acontecer no futuro. Devemos fazê-lo, mas isso não pode ser nossa obsessão. Temos de deixar de considerar tempos e épocas. O tempo sim é de pregarmos o Evangelho. Jesus partiu e vai voltar. Mas antes disso, o Espírito vai ser entregue e seremos capacitados a pregar o Evangelho. Tendo ouvido essa mensagem de

Jesus, os Seus discípulos sabiam que tinham de levar o Evangelho onde quer que fossem e, de fato, faziam isso na dependência do Espírito de Deus. É o Espírito de Deus quem capacita para a pregação do Evangelho. Eles tinham também consciência da vinda iminente de Cristo. A qualquer hora o Senhor voltaria, mas agora tinham de cumprir a tarefa deixada por Jesus.

## CONCLUSÃO: PARA QUEM É ISSO?

A pergunta que surge aqui é: “Essas recomendações que o Senhor Jesus fez naquela ocasião, eram dirigidas a quem?” Em primeiro lugar, aquelas palavras eram dirigidas para os apóstolos. Observe o que diz o versículo 2: *... até o dia em que foi elevado aos céus, depois de ter dado instruções por meio do Espírito Santo aos apóstolos que havia escolhido.* Primeiro, vamos entender o que era um **apóstolo**. Nos nossos dias, tenho visto algumas pessoas que tem se autodenominado “apóstolo”. Vale a pena, então, entendermos o que significa o termo apóstolo.

O apóstolo era um embaixador que tinha a autoridade de quem o havia enviado, exceto a de nomear outro apóstolo. Não se passava para outra pessoa a tarefa e o privilégio de também ser apóstolo. Assim, os apóstolos de Cristo são referidos na Bíblia como sendo doze. Pode-se discutir quem é o décimo segundo. Vamos discutir um pouco sobre isso na próxima mensagem, mas havia alguns critérios que definiam quem é que podia e quem é que seriam os apóstolos. Entrando no nosso texto da próxima mensagem, observe que, para substituir Judas, o que os discípulos diziam entre si (At 1.21): *Portanto, é necessário que escolhamos um dos homens que estiveram conosco durante todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu entre nós...* Portanto, a apóstolo tinha que ser alguém que estivera todo o tempo com o Senhor Jesus e que vivera entre eles. Ou seja, era alguém apto a ser testemunha da vida de Jesus. Não somente isso; no versículo 22 o texto acrescenta: *... desde o batismo de João até o dia em que Jesus foi elevado dentre nós às alturas. É preciso que um deles seja conosco testemunha de Sua ressurreição.* Portanto, aqueles apóstolos que estavam reunidos ali em Jerusalém precisavam encontrar um décimo segundo apóstolo e os critérios eram:

1º.) Conhecer Jesus, Sua vida e ministério e 2º.) Ser uma pessoa que testemunhara a ressurreição de Jesus. Ter aprendido com Jesus e ser testemunha da Sua ressurreição, era isso o que caracterizava um apóstolo de Cristo.

Assim, eu diria que primeiramente a mensagem foi dirigida àqueles apóstolos. Por outro lado, o Espírito que foi dado e a mensagem que foi transmitida não estavam restritos a eles. Ainda que certos atributos, certas ações estivessem restritas aos apóstolos, o Evangelho não, a pregação do Evangelho não. Observe o que lemos em 1Pe 1.8: *Mesmo não O tendo visto, vocês O amam; e apesar de não O verem agora, crêem nEle e exultam com alegria indizível e gloriosa.*

Ou seja, houve pessoas como nós, já naquele tempo, que não viram o Senhor Jesus, que não foram testemunhas da Sua ressurreição, mas que ouviram os relatos das pessoas que foram testemunhas, que foram chamadas por Deus para testemunharem. Aquela geração próxima, que ouviu, e as gerações seguintes até nós, que ouvimos, podemos avaliar o que eles disseram e cremos. Não vimos, mas cremos. Não testemunhamos os fatos, mas ouvimos e cremos. É possível crer mesmo sem ter visto. Por isso, Pedro diz mais adiante (1Pe 2.9): *Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.* Observe: não somente nós podemos crer, e cremos porque ouvimos do Evangelho, como também temos a responsabilidade de anunciar as grandezas dAquele que nos chamou. Isso não era um privilégio só dos apóstolos, isso é para todos nós. Nós podemos crer sem ter sido testemunhas. Nós podemos testemunhar da experiência que tivemos pelo testemunho oficial que as Escrituras do Novo Testamento deram acerca da vida, da morte e da ressurreição do Senhor.

Há um texto que sempre mexeu com a minha vida. É o texto de 1 Jo 2.28, com o qual eu termino esta mensagem: *Filhinhos, agora permaneçam nEle para que, quando Ele se manifestar, tenhamos confiança e não sejamos envergonhados diante dEle na sua vinda.* O Senhor vai voltar. Quando Ele vai voltar, eu não sei. Ninguém sabe.

Poucos anos atrás, um conhecido líder batista, imaginou ter a revelação de quando Cristo voltaria. Não me lembro se seria antes ou na virada do ano 2000. Mas Ele não voltou. Não precisaríamos esperar passar o ano 2000 para saber que este líder estava enganado. Ninguém sabe quando Ele voltará. Você não sabe e eu não sei. Mas a orientação, a instrução de João, é que devemos levar uma vida de permanência no Senhor, de comunhão com o Senhor, de obediência ao Senhor, de dependência e nutrição do que vem do Senhor.

Conversando com um homem com fortes traços de “caipira” nesta semana, um filho do Senhor, achei interessante quando ele disse: “Nóis tem que garrá na videira”. É verdade. Em João, capítulo 15, é dito isso: temos que estar na videira. Temos que manter a comunhão e a dependência do Senhor porque um dia o Senhor vai se manifestar. Diante da Sua manifestação, conforme a sua vida tenha sido à luz dos três focos que vimos nesta mensagem, vai ser uma oportunidade para você ter vergonha ou paz. Você não foi posto nesta vida, simplesmente, para desfrutar ou viver com os bens que pode adquirir ou para ser um sucesso profissional. Você não foi deixado aqui para ser um sucesso acadêmico. Meu irmão, minha irmã, cabe a todos nós refletir e, de fato, conduzir a nossa vida com esse foco que o Senhor passou aos discípulos naquela ocasião. Você foi deixado aqui para testemunhar acerca de Jesus, do Evangelho de Jesus, na dependência do Espírito de Deus. Nosso foco deve ser esse. Amém!